

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1975
10 e 21 de maio de 2024

DERSU UZALA / 1975

(Dersu Uzala, A Águia das Estepes)

um filme de Akira Kurosawa

Realização: Akira Kurosawa / **Argumento:** Akira Kurosawa, Yuri Nagibin, segundo um livro de viagens de Vladimir Arseniev / **Fotografia:** Asakazu Nakai, Yuri Gantman, Fyodor Dobronravov / **Direcção Artística:** Yuri Raksha / **Montagem:** Akira Kurosawa / **Som:** Olga Bulkov / **Música:** Isaac Swarts / **Intérpretes:** Maxime Munzuk (Dersu Uzala), Yuri Solomine (Vladimir Arseniev), Svetiana Danilchenko (a sua mulher), Dima Kortishev (Vova, o seu filho), Schemeiki Chokomorov.

Produção: Nikolai Shizov, Yoichi Matsue, para Mosfilm/Nippon Herald Production / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, Cinemascope, colorida, versão original legendada em português, 137 minutos / **Ante-Estreia:** Festival de Cinema de Moscovo, em Julho de 1975 / **Estreia Mundial:** Japão, 2 de Agosto de 1975 / **Ante-Estreia em Portugal:** Cinema Berna, na Semana do Cinema Soviético em 21 de Janeiro de 1978 / **Estreia em Portugal:** Apolo 70, em 2 de Março de 1979.

A recepção desastrosa que teve **Dodes’Kaden** (talvez o maior fracasso da carreira de Kurosawa) teve graves consequências na vida do realizador acabando por marcar o fim de uma fase da sua carreira. Aliás esse fim é paralelo a grandes transformações nos meios de comunicação em todo o mundo, mas que no Japão tiveram efeitos bastante graves no campo da produção cinematográfica. A quebra no número de espectadores provocada pela televisão foi, neste país, de particular importância, pois era também um com maior número de espectadores. É evidente que isto, por si só, não foi responsável pelo desastre de **Dodes’Kaden**, mas explica grande parte dele. Porém, se o drama era geral no campo da produção, para Kurosawa foi mais grave porque desde há algum tempo se assumira como produtor dos seus próprios filmes. O desastre de **Dodes’Kaden** representou quase a sua ruína, provocando-lhe uma depressão psicológica que o levou à beira do suicídio. Durante dois anos Kurosawa julgou-se “arrumado”, tanto mais que as companhias de produção que continuavam a laborar não ousavam arriscar o seu dinheiro com as “extravagâncias” do velho “imperador”. Mas em 1972 recebeu um recado do cineasta soviético Guerassimov, convidando-o a trabalhar no seu país. Desconfiado, primeiro, do sistema de “co-produção”, Kurosawa acabou por aceitar quando lhe foi garantida liberdade total para o seu projecto, que acabou por representar, para o realizador, um “regresso” à sua juventude, ao escolher um romance de viagens que lera em adolescente, “Dersu Uzala”, do capitão Vladimir Arseniev, onde este descreve o seu encontro com um singular habitante da estepe aquando das suas viagens de exploração nas regiões do Oussouri. O filme foi um triunfo, conquistando o Óscar para o melhor filme estrangeiro desse ano e marcou a “ressurreição” de Kurosawa no plano internacional. George Lucas e Francis Coppola ajudá-lo-iam a desbloquear a produção de **Kagemusha**, que entretanto substituíra o seu ambicioso **Ran**, que capitais franceses, anos depois, permitiriam que se concretizasse.

Dersu Uzala marca, portanto, o início de uma nova carreira de Kurosawa. E com ela, também, um novo tipo de preocupações, a intenção objectiva de “dizer” alguma coisa, transmitir uma “mensagem”. Afinal, a sua obsessão de **Akahige**, que terá contribuído para a desastrosa carreira do filme, afirma-se com mais força e alguns filmes (como **Rapsódia em Agosto**) só ultrapassam esse obstáculo graças a um genial sentido de “mise-en-scène” e à poesia das suas imagens. **Dersu Uzala** está marcado pelas mesmas intenções. Contudo, no seu caso, elas apenas são visíveis a um segundo nível de leitura. O que primeiro se destaca deste belíssimo filme é a força das imagens onde a paisagem agreste é a verdadeira personagem e, por conseguinte, Dersu, nos surge como uma sua emanção. Só subliminarmente (o seu destino confundido com o da paisagem, e a sua morte coincidindo com o fim daquela região selvagem) o filme de Kurosawa encena a sua “mensagem” ecológica. Antes de mais é a história de uma aprendizagem, e, deste modo, **Dersu Uzala** junta-se aos clássicos do realizador como **Shichinin no Samurai** e por extensão ao western clássico. Os personagens de Dersu e Arseniev prolongam os do samurai velho e o seu jovem discípulo naquele filme, sendo o primeiro o mestre, cuja experiência lhe permite ler sinais que passam despercebidos ao outro. Mas Dersu é um personagem mais singular, com o seu marcado primitivismo e as suas crenças animistas. Para ele toda a natureza é um conjunto de seres vivos, o fogo, a água, o Sol e a Lua, todos são “seres” sujeitos aos mesmos caprichos dos humanos e com os quais é possível dialogar, senão mesmo invectivar. É este instinto que lhe permite conhecer a taiga, mas a sua sobrevivência depende do equilíbrio e do respeito por ela. Não se mata por prazer mas apenas por necessidade, nada se destrói ou desperdiça e é preciso pensar nos outros para que esse equilíbrio permaneça (o ritual da comida, sal e fósforos deixados na cabana deserta para outro possível hóspede). Por isso Dersu é incapaz de se adaptar à vida na cidade, para onde o leva o seu amigo Arseniev, quando confrontado com a sua perda de visão, o início das perdas das suas faculdades de sobrevivência que, de certo modo é, para ele, como um castigo dos deuses por ter quebrado a harmonia ao matar o tigre. Incapaz de se adaptar às regras da economia de compra e venda, ele que sempre vivera num regime de subsistência e de troca, sem entender o sentido do dinheiro (a narrativa sobre o comerciante que lhe rouba o dinheiro das peles, espantando-se com o seu comportamento). Por isso, também, ele será vítima dessas regras onde impera a rapina (assassinado para lhe roubarem a espingarda de último modelo, presente de despedida de Arseniev).

Mas a “mensagem” ecológica e a apologia do “bom selvagem” passa para segundo plano perante a grandeza da encenação e a exploração, pela câmara de Kurosawa, dos elementos naturais, em particular na excelente sequência da tempestade na taiga onde, numa corrida contra o tempo, Dersu e Arseniev, constroem de forma rudimentar um abrigo contra o vento gelado. É um filme também, por onde passa um toque de magia, aquela que a natureza desconhecida sempre inspira nos que a cruzam, acordando instintos primordiais, em particular na fabulosa sequência do encontro de Dersu e Arseniev, numa noite em que as chamas da fogueira constroem na paisagem figuras fantasmagóricas que se recortam nos ramos das árvores, a paisagem de uma “noite de Walpurgis” (noite de bruxas) como evoca Arseniev, antes de um ruído lançar um alerta. Algo se aproxima e um grito ecoa: “Não disparem. É um homem”, diz uma voz que se verá ser a de Dersu. Naquela simples apresentação, “Um homem” se concentra todo o universo, porque Dersu é a materialização da própria natureza.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico